

Reportagem Cultural

ADRIANA CALCANHOTTO: 40 ANOS DE SURPRESAS

Juarez Fonseca, especial para JC

Agora no dia 1º de março, quando Adriana Calcanhotto esteve em Porto Alegre com a estreia brasileira de *Complexo B*, ao lado de José Miguel Wisnik e João Camarero, este repórter, que acompanha sua trajetória desde o comecinho, foi conversar com ela no camarim do Teatro Simões Lopes Neto. A ideia era fazer um resumo desse percurso que, considerando o primeiro show com produção profissional, completa 40 anos em 2026.

Antes, cabe situar o atual momento. *Complexo B* foi uma exposição de arte e cultura brasileira apresentada com sucesso em novembro de 2025 na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Wisnik, relevante professor da USP, pesquisador e compositor, foi um dos curadores. Considerou que cabia um espetáculo de música no projeto, entre outras coisas com canções letrando poetas brasileiros e lusitanos. E convidou Adriana.

Por que ela? Porque, desde o terceiro disco, de 1994, é uma das artistas brasileiras mais admiradas em Portugal. A coisa chegou a tal ponto que, em 2015, foi convidada a fazer um show para a Universidade de Coimbra. Depois a chamaram para dar *masterclasses* sobre composição

musical. Foi fazendo amigos entre os professores e os estudantes. E a nomearam Embaixadora da Universidade - que acaba de completar 736 anos!

Depois de *Complexo B*, Adriana diz que vai voltar a compor. O último álbum, *Errante*, saiu em 2023. “Eu não estava conseguindo compor. O pouco que saía, eu pensava: mas já fiz isso... Não ficava satisfeita. Achei que já tinha feito tudo o que podia fazer, fiquei meio triste com essa perspectiva, mas...”

E daí? “Na metade do ano passado larguei um pouco o violão e comecei a pegar umas batidas de rap, pré-gravadas, pra fazer rima. São outros caminhos harmônicos e aí faço melodias que não faria se ficasse dependendo da outra maneira de compor.” Então, podemos nos preparar para surpresas. O que, contraditoriamente, não surpreende, pois uma das marcas da carreira de Adriana sempre foi produzir novos trabalhos surpreendentes.

O segundo disco, *Senhas* (1992), é bem diferente do primeiro, *Enguiço* (1990), e o terceiro, *A Fábrica do Poema* (1994), idem. E assim por diante. Adquirindo potência, personalidade, as composições próprias cresciam. A cada novo trabalho agregava parceiros, músicos,

ideias de arranjos, influências de leituras - por exemplo, em certa altura mergulhou na poesia concretista dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos.

Atualmente, sua discografia tem 13 álbuns de estúdio (os três primeiros originalmente em LP, os demais em CD), seis ao vivo (um deles é *Loucura*, só com músicas de Lupicínio Rodrigues), quatro coletâneas e oito DVDs. Os campeões de vendas, ambos lançados em 2001, são o ao vivo *Público*, com 600 mil cópias, e a coletânea *Perfil*, com 500 mil. Os três discos de sua persona criança Adriana Partimpim venderam 465 mil. No total, são mais de 3,2 milhões de cópias - isso até o “fim” do disco físico...

O LP desaparece com a chegada do CD, na segunda metade da década de 1980. E o CD começa a sair de cena por volta de 2015, com a ascensão do *streaming* e da música digital. Muita gente tem voltado a comprar os dois formatos, que também voltaram a ser fabricados. Todos os álbuns físicos de Adriana estão na internet, por preços que vão de R\$ 90,00 a R\$ 400,00.

Mas Adriana nunca sumiu. Só no Spotify são 1,7 milhão de ouvintes mensais. Só os acessos aos sucessos *Devolva-me*, *Esquadros* e *Mentiras*, somam quase 170 milhões. Embora não

goste de ouvir música nas plataformas, Adriana pensa que a gravação digital é mais democrática. “Minha geração tinha que gravar em estúdios caríssimos e cheios de produtores. Hoje qualquer garoto faz um álbum em casa. Depois passa por uma peneira natural”.

E ela, lá no início, teria passado por alguma peneira? “Meus pais ficavam desesperados em ter uma filha de 16 anos que saía de noite para ouvir música nos bares e voltava de manhã. Achavam perigoso, definitivamente não era o que queriam para mim. (...) Cheguei a pensar em ser veterinária ou arquiteta, mas quando repeti pela quarta vez o primeiro ano do 2º grau, pensei: alguma coisa aqui está fora da ordem”.

(Os pais: Carlos Calcanhotto, conhecido baterista de jazz e bossa nova nas décadas de 1960 e 1970, também comerciante, falecido em 2016; e Morganda Cunha, bailarina clássica e professora de educação física, 91 anos - que foi assistir aos shows no Teatro Simões Lopes Neto.)

Segue Adriana: “Com 18 anos, decidi sair de casa. Nunca tinha trabalhado, não tinha como ganhar a vida, mas saí. Uma tia (que queria que eu fosse artista plástica) me ajudou e aluguei um apartamento

na Cidade Baixa. No térreo do edifício havia um bar, o Tigela de Barro, e lá comecei a cantar todas as noites. Como não tinha muito repertório, convidei amigos, deixava as pessoas darem canja. E o bar começou a encher por causa daquilo”.

Durante 1984 e parte de 1985, andou por vários bares da Cidade Baixa, até ancorar no Fazenda Artes, no Bom Fim, já com alguma composição própria. E os pais começaram a compreender a história. “Um dia, me disseram ‘olha, se for pra sair da noite, do circuito boêmio, e fazer um trabalho de cantora, de compositora, a gente vai te ajudar’. Isso foi muito importante para mim”.

Procurou o diretor de teatro Luciano Alabarse, cujo trabalho admirava. “Disse que meu sonho era que me ajudasse a fazer um show de verdade, que me dirigisse. E assim, no início de 1986, estreamos *Crepom* no Porto de Elis. Logo veio o primeiro show em teatro, no Câmara, *A Mulher do Pau Brasil*. Ainda em 1986, ao lado da Tânia Carvalho e da Annie Percec, fizemos *Sei Que Estou Errada*. Três fins de semana com duas sessões por noite no Porto de Elis. Eu nunca tinha cantado para tanta gente”.

Leia mais na página central